

Biografia, autobiografia e crônica na Florença do século XIV: as origens da historiografia moderna

Biography, auto-biography and chronic in century XIV Florence: the origins of modern historiography

Cássio da Silva Fernandes

Professor Adjunto
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
cassiofer@hotmail.com
Rua Olegário Maciel, 375\602 - Santa Helena
Juiz de Fora - MG
36036-330
Brasil

Resumo

A imagem da Florença tardo-medieval e renascentista como cidade das artes e do saber, como berço do humanismo cívico e da objetividade no tratamento da consciência política, cidade de historiógrafos e teóricos do Estado, ficou registrada como uma das grandes construções da historiografia contemporânea. Com os olhos voltados para este contexto, trataremos de três gêneros narrativos que apontam na direção da escrita histórica, às vezes se confundindo com ela, e que, na Florença do século XIV, atuaram nas origens da historiografia moderna. São eles a **biografia**, a **autobiografia** e a **crônica**, que no contexto florentino do *Trecento*, com o intuito de registrar os feitos dos homens ilustres, procuraram interpretar suas ações e seus gestos com um profundo senso histórico. Atentaremos para os casos que apontam na direção das origens de cada um desses gêneros narrativos, observando suas conexões com o intuito de celebrar a ação dos homens na história.

23

Palavras-chave

Renascimento; Florença; Historiografia.

Abstract

The late-medieval and Renascent Florence image as an art and knowledge city, as a civic human cradle and the objectivity in treating the political consciousness, city of historiography and theoretical state people, is registered as one of the great constructions of the contemporary historiography. Regarding this context, we will deal with three narrative genres which point to the direction of the historic writing, sometimes mixing with it, and that, in century XIV Florence, acted on the origins of the modern historiography. They are **biography**, **auto-biography** and **chronic**, which in the Florentine context of the *Trecento*, with the aim to register the deeds of distinguished men, tried to interpret their actions and gestures with a profound historic sense. We will pay attention to the cases that show the direction of origins of each of these narrative genders, observing their connections with the aim to celebrate the actions of men in history.

Keyword

Renaissance; Florence; Historiography.

Enviado em: 14/05/2009
Aprovado em: 28/06/2009

A imagem da Florença tardo-medieval e renascentista como cidade das artes e do saber, como berço do humanismo cívico e da objetividade no tratamento da consciência política, cidade de historiógrafos e teóricos do Estado, ficou registrada como uma das grandes construções da historiografia contemporânea. Desde o livro inaugural de Jacob Burckhardt, ***A Cultura do Renascimento na Itália***, editado em 1860, passando pelas obras fundamentais sobre o assunto ao longo do século XX, então os escritos de Hans Baron, de Eugenio Garin, de Quentin Skinner, de Paul Kristeller, de Walter Pater, de Aby Warburg, para citar alguns, insiste-se que a centralidade no humanismo florentino propiciava a interpretação da cidade como palco do encontro entre dois pilares em que se assenta a compreensão do Ocidente no limiar do Mundo Moderno: o Cristianismo medieval e a memória da Antigüidade pagã. Este encontro, com suas especificidades nas variadas áreas do conhecimento, atuava na concepção de mundo e, conseqüentemente, nas construções humanas, seja no universo das artes ou da filosofia, no campo religioso ou na concepção de Estado, no sentimento da moralidade ou na interpretação da ação dos homens no mundo da natureza e dos fatos.

Com os olhos voltados para este contexto, trataremos aqui de três gêneros narrativos que apontam na direção da escrita histórica, às vezes se confundindo com ela, e que, na Florença do século XIV, calcando-se eminentemente no veículo da memória, atuaram nas origens da historiografia moderna. São eles a **biografia**, a **autobiografia** e a **crônica**, que no contexto florentino do *Trecento*, com o intuito de registrar os feitos dos homens ilustres, procuraram interpretar as suas ações e os seus gestos com um profundo senso histórico. Trataremos apenas dos casos que apontam na direção das origens (dos primeiros sinais) de cada um desses gêneros narrativos, observando suas conexões com o intuito de celebrar a ação dos homens na história.

1. A BIOGRAFIA

Um dos aspectos mais fascinantes da literatura italiana tardo-medieval é a agudeza e a precisão com que as feições externas e a aparência fisionômica dos homens são descritas, muitas vezes em poucas palavras. Revela-se, de fato uma característica dos autores italianos do período, qual seja, a capacidade da rápida apreensão do que é essencial. Seguramente, tais características encontram um paralelo na retratística pictórica, revelando ser este um traço da cultura da época.

Seria interessante, então, perceber na literatura o momento em que a descrição da vida de um personagem significativo começa a se desvencilhar das tradicionais narrativas lendárias da ação dos santos e das canções de gesta, que povoaram o mundo medieval com os feitos dos cavaleiros, reis ou imperadores.

Nesse caso, é o estudo característico dos homens mais importantes, realizados pelos italianos, a tendência que prevalece antes na Península Itálica que em qualquer outra parte do Ocidente. Um impulso biográfico, intimamente

ligado à paixão dos homens pela fama, perpassado por um profundo senso histórico, observa a importância da ação humana no mundo, ao mesmo tempo em que não descuida de apresentar os meandros de sua vida interior. Os italianos tinham certamente para isso os modelos antigos (em especial os latinos, neste momento), representados pela obra de Suetônio, de Salústio, de Tito Lívio, de Cornélio Nepos, de Filóstrato, de Valério Máximo e de outros mais, que se tornavam referências cada vez mais presentes no repertório de leitura e de citações dos biógrafos ao longo do século XIV. O universo dos autores gregos antigos entre os eruditos florentinos do *Trecento*, embora representasse já no início alguma referência, em especial pela relação comercial e política (e daí obviamente também cultural) de Florença com Constantinopla, irá se consolidar após a permanência na cidade do embaixador bizantino e erudito grego Manoelo Chrysoloras (1350-1415), entre 1397 e 1400. A estadia de Chrysoloras em Florença, onde atuou como professor de língua e cultura grega, e que estimulou o interesse pela filosofia, literatura e arte clássicas, deu-se por convite do *cancelliere* e historiógrafo florentino Coluccio Salutati. Em Florença, Manoelo Chrysoloras foi professor de Leonardo Bruni, de Pietro Paolo Vergerio, de Palla Strozzi, de Niccolò Niccoli, entre outros. Então, no que se refere à biografia, o saber grego se instala na cidade, de modo efetivo, na geração de eruditos que atua na primeira metade do século XV. Vale recordar aqui que Coluccio Salutati traduz Plutarco de uma tradução aragonesa, em 1396; que é Leonardo Bruni quem inicia as traduções de Plutarco, diretamente do grego, para o latim, em Florença, no início do século XV. A versão completa, em latim, das *Vite parallele* de Plutarco, aparece pela primeira vez em Roma, apenas em 1470. Tudo isso corrobora a afirmação de que em Florença, no século XIV, os principais modelos biográficos eram latinos.

Porém, para que se assentasse, na Itália do século XIV (e, em especial, no universo florentino da época), um modelo biográfico capaz de descrever o homem, em seus aspectos íntimos e exteriores, toda vez que ele aparecesse digno disso, existiu também a obra de Dante. A ***Divina Comédia*** é também uma narrativa de traços biográficos de personalidades antigas e modernas, tendo como base a fama ou a ignomínia, e como gênero de fundo, a comédia.

Mas é com a obra do cidadão de Arezzo e filho de um exilado florentino, Francesco Petrarca (1304-1374), que se assinala a ligação entre narrativa biográfica e narrativa histórica, no século XIV. O seu ***Liber de viris illustribus***, que trata a vida de personagens de primeiro escalão da República romana, de Rômulo a Júlio César (100 c.-44 a.C), além de alguns personagens gregos (Alexandre, o Grande, por exemplo) nada mais é do que uma história da Roma antiga narrada através de biografias de homens ilustres, sobre um fundo ideal político de unidade italiana baseado nas glórias do passado romano. Aqui, a história não era escrita por encargo de uma autoridade, ou segundo a perspectiva de um estamento, ou apoiada num sistema teológico. Era um laico que tratava a história de acordo com sua concepção pessoal. Sobre os modelos antigos, sabe-se que, a esta época, Petrarca conhecia boa parte dos historiadores e

biógrafos latinos, que estimava especialmente a obra de Suetônio e que ainda não tinha tido acesso a Cornélio Nepos, nem a Tácito. Sabe-se também que para a biografia de Júlio César, Petrarca seguiu quase cegamente o relato autobiográfico do próprio personagem, **Commentarii**, além de recorrer às cartas de Cícero. É provável que o livro de Petrarca seja a primeira pedra do edifício da historiografia humanista na Península Itálica. E este primeiro passo era cumprido justamente pela interligação entre biografia e narrativa histórica.

Giovanni Boccaccio (1313-1375), natural de Certaldo, possessão da República de Florença, concebeu uma espécie de *pendant* ao livro de Petrarca, com a publicação, provavelmente em 1362, de **De claris illustribus**: cento e cinco biografias de mulheres da Antigüidade, com exceção das sete últimas, mulheres de sua própria época.

Mas a primeira verdadeira biografia de um poeta, ou seja, a obra que inaugura um gênero na literatura histórica, a biografia de artista, é o **Trattatello in laude di Dante** ou simplesmente **Vita di Dante** (como ficara conhecido o livro), terminado por Boccaccio em 1364. O **Trattatello in laude di Dante** é a máxima expressão da longa, devota e entusiástica fidelidade que Boccaccio cultivou em direção a Dante. O texto simboliza o momento decisivo da descrição de um retrato de Dante, que Boccaccio vinha elaborando em sua obra, através de alusões, de reminiscências, de citações, mas também por intermédio de seus significativos comentários dos escritos de Dante, que incluem os estudos sobre os primeiros cantos da **Divina Comédia**. Num significativo trecho do **Trattatello**, Boccaccio descreve Dante:

Este foi o Dante, do qual é o presente discurso; este foi o Dante ao qual em nossos séculos foi por Deus dotado de graça especial; este foi o Dante, ao qual por primeiro se deve o retorno das musas, expulsas da Itália. Por ele, a clareza do idioma florentino é demonstrada; por ele, toda a beleza da língua vulgar, sob devidos números, é regulada; por ele, a poesia morta, merecidamente se pode dizer ressuscitada: demonstraremos que tais coisas, devidamente observadas, nenhum outro nome senão o de Dante pode-se dignamente exaltar. (BOCCACCIO, 1995: 12-13)

Portanto, Boccaccio tem a clara noção de que Dante faz ressurgir a poesia em meio aos italianos, num momento em que poeta era somente considerado aquele que versificava em latim. A seu ver, Dante empenhou-se em imitar Virgílio, Horácio, Ovídio, Estácio e outros poetas latinos. Mas Boccaccio atribui também a Dante um papel aparentemente inverso àquele do poeta em latim. Para ele, Dante eleva o valor da língua vulgar, apresentando o idioma florentino em forma literária. Em resumo, Dante inicia o “retorno das musas” ao solo italiano, processo do qual Boccaccio coloca-se como continuador. Era uma interpretação da ação de Dante na História, e já com refinamento na percepção do papel do poeta florentino no ressurgimento da poesia antiga.

De todo modo, o **Trattatello in laude di Dante**, ao mesmo tempo em que buscava conferir integridade à memória do poeta, permanecia, ele mesmo, como escrito modelar para as descrições das *vite* de homens ilustres, compostas

no letrado mundo florentino imediatamente posterior a Boccaccio. E como forma de celebrar a memória de outro ilustre poeta e erudito de seu tempo, Boccaccio, no último ano de sua vida, escreveria também a biografia de Petrarca, à qual deu o título ***De vita et moribus... Francesci Petrarchi***. Era novamente a narrativa biográfica atuando para fixar a imagem do poeta na eterna memória dos homens, sem, no entanto, abrir mão de interpretá-la com profundo sentido histórico.

2. A AUTOBIOGRAFIA

O primeiro sinal da retomada da narrativa autobiográfica no final da Idade Média, retomada que carregava um traço significativo da inserção do homem na história, veio também da obra de Dante. Com as canções e sonetos de seu escrito juvenil, ***Vita nuova***, obra em que declama o seu amor por Beatriz, Dante iniciava a possibilidade de um longo enfrentamento do homem com sua consciência, a partir de um deliberado interrogar a si mesmo. Assim, Dante começa a ***Vita nuova***: "Naquela parte do livro de minha memória, diante do qual pouco poder-se-ia ler, encontra-se uma epígrafe que diz: *Incipit vida nova*." (ALIGHIERI, 1999: 33)

Dante concebe, já nas primeiras linhas do livro, através da operação da memória, o momento preciso de um acontecimento que transforma toda a sua vida: o instante em que vê, pela primeira vez, Beatriz. Não era ainda propriamente uma narrativa autobiográfica, definida como gênero literário, mas era já o mergulho do narrador nos meandros de sua própria alma; um diálogo marcado pelo impulso em descer no íntimo patamar da vida interior.

Porém, não tardaria até que Francesco Petrarca desse o primeiro exemplo da forma literária autobiográfica que predominaria entre os italianos nos séculos imediatamente posteriores. Com sua ***Lettera ai posteri***, Petrarca, na velhice, narra sua própria vida através de um discurso íntimo que, ao mesmo tempo, busca a elevação e dignidade da ação do homem na história de seu tempo. Ele apresenta sua origem "citadina e humilde", as razões políticas pelas quais sua família é expulsa de Florença e se transfere para Arezzo. Reflete sobre a condição material de sua família, e chega mesmo a desprezar a riqueza. Ele afirma:

Eu não fui jamais nem rico nem pobre. Tal é a natureza da riqueza que quanto mais ela aumenta, mais cresce a sede por ela, e com a sede cresce mais a pobreza; tal coisa, porém, não me fez pobre. Quanto mais tive, menos desejei; e quanto mais abandonei, maior foi a tranqüilidade de minha vida e menor a culpa de minha alma. E isso me fez crer que se tivesse ocorrido de modo diferente, se eu tivesse tido grandes riquezas, talvez, como outros, tais riquezas me teriam vencido. (PETRARCA, 1904: 9)

De fato, a fama que Petrarca cultivou estava fora do mundo material, mas também fora do mundo religioso ou do político. A grandeza histórica que Petrarca constrói para si, em sua autobiografia, pertence ao universo da literatura e da erudição. É no mundo das letras que ele, seguidor de Dante e amigo de Boccaccio, constrói o sentido de sua ação na história de seu tempo. A ***Lettera ai***

poster era, portanto, um registro da elevação histórica da ação do literato no concreto mundo da natureza e dos fatos, ao mesmo tempo em que se constituía como um elemento de fixação da imagem do narrador na memória dos homens: era uma carta à posteridade.

3. A CRÔNICA

Ao lado das narrativas biográficas e autobiográficas, um outro gênero literário, extremamente dependente do veículo da memória, fixava-se, na Florença do século XIV, como uma forma de narrar os fatos significativos da história da República florentina. Desde as **Croniche** de Matteo Palmieri, de Dino Compagni, e os **Decadi** de Biondo da Forlì, até as crônicas dos Villani, uma visão objetiva da história atuava nas origens da historiografia moderna. Concentremo-nos no caso dos cronistas da família florentina dos Villani, por ser este um caso emblemático no que se refere à relação entre crônica e biografia.

Giovanni Villani, leitor assíduo dos gloriosos feitos dos romanos, descritos por Salústio, por Tito Lívio, por Valério Máximo e por outros historiógrafos antigos, pensou em escrever, nos primeiros anos do século XIV, os acontecimentos de sua pátria “*per dare memoria ed esempio a quelli che sono a vivere*” (RACHELI, 1857: 5). Assim, suas **Croniche**, escritas em 12 livros, discorrem sobre as passagens de Florença, desde sua fundação até o ano de 1348, e a elas acrescenta ainda alguns acontecimentos significativos de outras cidades italianas. Seu cuidado com os fatos da pátria foi seguido, após sua morte, por seu irmão, Matteo Villani, que continuou as **Croniche** até ser golpeado pela peste, em 1363.

É então que Filippo, filho de Matteo Villani, assume para si a incumbência de seguir narrando os fatos significativos da República de Florença. Porém, Filippo Villani (1325-1405), ao continuar a tarefa começada pelo tio e seguida pelo pai, estabeleceu uma importante mutação na maneira de conceber os acontecimentos marcantes da história florentina. Ao encerrar o décimo quinto livro das **Croniche Fiorentine**, livro deixado inconcluso por seu pai, Filippo Villani modifica o foco de sua observação histórica, e passa a conceber a história de Florença a partir do modelo das *vite* (das biografias) dos significativos personagens de sua pátria. Ele encerra a narrativa das *croniche fiorentine*, e passa a escrever o que intitula **Vite degli uomini illustri fiorentini**. Os fatos importantes da história florentina eram agora narrados, pelas mãos de Filippo Villani, sob uma nova ótica, ou seja, submetidos a uma organização que privilegiava os atores no cenário dos acontecimentos. Era como se Filippo Villani observasse que o grande feito da República de Florença fosse sua capacidade de produzir homens ilustres. Era o sinal de que em Florença o entendimento do mundo e da história tinha, já na época de Villani, o *uomo significativo* como ponto de partida e como base ideal da compreensão. Era a junção entre biografia e história para construir a imagem da cidade na memória dos homens.

Filippo Villani, professor de Jurisprudência em Florença, na juventude

deslocava-se até a Igreja florentina de Santo Stefano, para frequentar as lições de Boccaccio. Exatamente Boccaccio, que com seu *Trattatello in laude di Dante* e com *Vita et moribus... Francesci Petrarchi* tinha (como vimos) instituído a biografia de artista sob um fundo histórico e celebrativo da memória individual. Filippo Villani cumpria um passo adiante, ao introduzir o gênero biográfico como base da narrativa histórica. Seu conjunto de biografias de florentinos ilustres acabou agregando-se a um livro de história da cidade, *Liber de origine civitates Florentiae et ejusdem famosis civibus* (Livro sobre a origem da cidade de Florença e sobre seus cidadãos famosos), composto em 1382, como uma espécie de história da civilização. Esta iniciativa de Villani deu origem a uma das variedades mais originais da historiografia humanista: o cultivo da biografia como base ideal e como princípio narrativo da história. E se Tito Lívio era o principal modelo para a narrativa histórica baseada nos anais, Suetônio e Salústio o eram para o caso da base biográfica.

Mas o amplo conjunto de biografias de florentinos ilustres, escritas por Filippo Villani, inicia-se com a *vita* do poeta antigo Claudiano, ativo entre 395 e 404 d.C. Claudiano é o único personagem da Antigüidade a ser registrado pela obra de Villani, mas o seu exemplo de poeta erudito em grego e latim é significativo para a compreensão dos valores com os quais o autor trabalha, na composição das demais biografias. Embora nascido no Egito e originalmente de língua grega (somente posteriormente aprendeu latim), Claudiano foi, durante a Idade Média, identificado como poeta florentino e como cristão. No que se refere aos personagens modernos, a descrição de Villani percorre um vasto universo. Coluccio Salutati é caracterizado como imitador dos poetas antigos, homem de singular eloqüência, veemência e persuasão no falar; na prosa, era considerado um novo Cícero (VILLANI, 1848: 427). O filósofo Brunetto Latini, que alcançou fama como retórico era “*degno d’essere com quelli periti e antichi oratori annumerato*” (VILLANI, 1848: 440). Guido Cavalcante, filósofo de autoridade, foi honrado por dignidade, por costumes morais e digno de todas as louvações (VILLANI, 1848: 456-457).

Filippo Villani inclui em seu livro a biografia de Boccaccio, na qual apresenta já a noção de um triunvirato erudito, formado pelo poeta de Certaldo, por Dante e por Petrarca. Villani, porém, une a esse trio o nome de Zanobi Strada, mestre de Boccaccio. De todo modo, o Boccaccio apresentado por Filippo Villani é o erudito comentador dos poetas antigos; é o escritor interessado nos acontecimentos históricos, mas também nas nuances da geografia, atento aos nomes dos rios, montes, selvas, lagos e mares; é o poeta que cultivou a amizade de Petrarca e a erudita ligação com as letras gregas e latinas (VILLANI, 1848: 422-424).

Mas Filippo Villani recorria ao mecanismo da própria memória para realizar uma síntese particularmente notória entre as qualidades externas e internas de cada personagem biografado. Observemos a passagem da *vita* do *condottiere* florentino, Farinata degli Uberti:

Farinata Uberti, homem de ordem militar, descendente de Catilina, foi de estatura grande, face viril, membros fortes, continência grave, elegância soldadesca, oratória civil, de mente sagacíssima, audaz, pronto e industrioso na condução do exército (VILLANI, 1848: 451).

Para biografia de Farinata Uberti, é certo que Filippo Villani utiliza como modelo literário a obra de Salústio sobre a **Conjuração de Catilina**, escrita por volta do ano 42 a.C., obra em que o escritor latino narra a mais famosa conjuração política da Antigüidade, denunciada por Cícero no Senado Romano com as célebres **Catilinárias**. Assim Salústio havia descrito a figura de Catilina, antes de colocá-lo em ação do teatro da história:

Lucio Catilina, de nobre origem, gozava de grande vigor físico e moral, mas era de alma má e depravada. Desde a adolescência amou lutas civis, fatos sanguinários, rapinas, lutas intestinas e entre similares fatos transcorreu a juventude. O seu jovem corpo resistia à fome, ao frio, às noites em claro, mais do que qualquer um poderia crer. Temerário, rastejante, mutável, era mentiroso, era dissimulador, desejava as coisas alheias e desperdiçava as suas próprias, excitado pela cobiça. Era suficientemente eloqüente, mas pobre de cultura. A sua alma exagerada, insaciável, ansiava sempre por conquistar cumes inatingíveis, intocáveis, altíssimos (SALLUSTIO CRISPO, 1994: 20-21).

A monumentalidade do caráter e da compleição física de Catilina é transposta por Filippo Villani para a figura de Farinata degli Uberti. O modelo físico e moral do *condottieri*, descrito por Villani, espelhava-se na narrativa de Salústio. A grandiosidade dos personagens de República de Roma era o espelho no qual refletia o desejo de elevação histórica da República de Florença. Também a inserção do personagem na cena histórica, por parte de Filippo Villani, buscando compreender a grandeza histórica de sua ação e de seu gesto, promovendo quase uma fusão entre narrativa biográfica e historiografia, era carregada da atribuição de sentido e da narratividade tomadas dos biógrafos e historiógrafos latinos antigos. Para o caso da figura de Farinata Uberti, “descendente de Catilina”, Villani certamente se baseia em Salústio.

Porém, de modo inteiramente diverso Villani descreve o aspecto físico do poeta Zanobi Strada:

[...] estatura medíocre, de rosto um pouco alongado, feições delicadas, de beleza quase virginal, cor branca, fala sincera e redonda, a qual demonstrava suavidade feminina: seu rosto transparecia alegria natural, seu aspecto era sempre prazenteiro a ponto de provocar facilmente a amizade (VILLANI, 1848: 422).

Aqui, a narrativa biográfica utiliza-se de um princípio descritivo que estará presente, neste mesmo período, no impulso retratístico nas artes pictórica e escultórica em Florença. Esta capacidade de descrever o aspecto físico, e de compreendê-lo como revelador do caráter do homem povoa, já no século XIV, os afrescos de igrejas e palácios florentinos, e também aparece em forma de busto, espalhados pelas construções e pelas vias da cidade. A execução do retrato penetra o mundo do poder político e militar, representando *condottieri*, políticos, burgueses, personagens importantes da *vita civile*, mas também os representantes do universo literário e da erudição. E isso ocorre não apenas em Florença, mas se espalha, de acordo com as singularidades dos costumes locais, pelas mais diversas cidades italianas. Em Florença, é, em especial, o “homem ilustre” a ser representado nas pinturas monumentais, como participantes ou observadores de cenas bíblicas ou históricas: são os *cittadini* da República, ávidos por ganhar a dignidade de deixar sua imagem impressa na eterna memória de seus concidadãos, tanto numa cena sacra, quanto numa cerimônia pública ou histórica. Portanto, a monumentalidade do indivíduo era expressa também pelas artes plásticas, revelando um traço da cultura florentina da época, tomada pelo ideal de conceber Florença como a cidade dos “homens ilustres”.

Na literatura, o impulso em descrever o homem, em suas qualidades íntimas e exteriores, ganha espaço através do modelo biográfico das *vite degli uomini illustri*, prática primordialmente florentina, que continha, como fundo ideal, uma forma de narrativa histórica da cidade, e apresentava-se paralelamente a uma outra, dominada pelo modelo dos anais. Filippo Villani é o inaugurador deste modelo biográfico, ao subverter a tradicional narrativa cronística e conceber as ***Vite degli uomini illustri fiorentini***. Na narrativa das *vite*, Villani retrata os homens individualmente como representantes de uma *virtù civile*, valor sobre o qual a República florentina se constituía e se imaginava.

Este modelo biográfico será longamente cultivado em Florença no período renascentista. Vale a pena citar a obra de Vespasiano da Bisticci (m. 1498) autor das ***Vite di uomini illustri del secolo XV***, como um dos principais exemplos do gênero no *Quattrocento* florentino. Enea Silvio Piccolomini (m. 1464), cidadão de Siena, humanista tornado Papa Pio II, é autor de um conjunto de biografias, ***De virus illustribus***, além de ser o responsável por uma autobiografia exemplar, de título ***Commentarii***, que funde narrativa autobiográfica e biografias de personagens ilustres com um impulso historiográfico extremamente refinado. Do ponto de vista mais expressamente historiográfico, importa citar a obra de Pietro Riccio, conhecido também, pela forma latinizada do nome, como Crinitus, morto em torno de 1505, autor de ***De poetis latinis***. Crinitus afirma, no prefácio ao livro, que havia tomado por modelo Suetônio. No século XVI, a obra que inaugura a historiografia da arte moderna, ***Le vite de' piu eccellenti pittori, scultori ed architetti***, de Giorgio Vasari, é inteiramente organizada sob o modelo biográfico, sobre as “vidas” de pintores, escultores e arquitetos. O próprio Maquiavel, autor de uma das mais significativas histórias de Florença, também se dedicou ao gênero biográfico: concebeu a ***Vita di Castruccio Castracani***,

condottiere de Lucca. Um exemplo fascinante, embora não exatamente florentino, é aquele representado pela obra de Paolo Giovio, ***Elogia virorum illustrium***. Trata-se de uma fabulosa galeria de homens ilustres concebida por Giovio como um diálogo entre biografia e retrato, sob um fundo historiográfico. Paolo Giovio, retirado em sua residência de campo próxima ao lago de Como, elabora, no início do século XVI, um conjunto de biografias de italianos ilustres acompanhadas de seus respectivos retratos em xilogravura. Os ***Elogia*** são um dos grandes representantes, no século XVI, da fusão literária entre biografia e história, além de trazer a novidade de vir acompanhado da arte retratística.

Esses são apenas alguns exemplos da dimensão ganha pela narrativa das *vite* no universo florentino no Renascimento e da importância da biografia (e mesmo da autobiografia) como base da narrativa histórica, inicialmente em Florença, mas em seguida difusa pelas cidades italianas entre os séculos XIV e XVI.

De todo modo, os relatos das “vidas”, em forma de biografia, autobiografia ou num conjunto de relatos biográficos (como memória da cidade), são revigorados na Florença do século XIV, a partir de modelos de uma longa tradição escrita, cultivada entre os Antigos, gregos ou latinos. O ressurgimento da narrativa das *vite*, no universo cultural florentino, ligou-se de modo profundo ao ideal da monumentalidade do indivíduo e atuou na atribuição de sentido para a ação dos homens no mundo da natureza e dos fatos. Narrar biografias como base ideal de compreensão da história de Florença significava conferir um papel a esses homens na construção do mundo que os cercava, significava atribuir um valor à ação humana e construir a imagem do indivíduo a partir da ideia do *homo faber fortunae suae* (o homem que constrói o seu destino). É este o cidadão da República, cuja ação repercute e se faz valer no universo da política e, por consequência, na história da cidade. É este o “homem do Renascimento”, de tão múltipla quanto fascinante face, “construído” (ou “descoberto”) pela contemporânea historiografia da cultura. Este homem, tão imerso nos valores do mundo do Mundo Medieval, quanto dependente de modelos literários e artísticos da Antigüidade pagã, está representado pela fina flor do humanismo florentino do século XV, nos versos de Giovanni Pico della Mirandola, em seu ***Discurso sobre a dignidade do homem***, em especial, na passagem em que Deus fala a Adão, logo após criá-lo:

Não te dei, oh Adão, nem um lugar determinado, nem um aspecto próprio, nem nenhuma prerrogativa tua, para que os lugares, os aspectos, as prerrogativas que desejaste, tudo segundo a tua vontade e o teu conselho, obtenhas e conserves. [...] Coloquei-te no meio do mundo para que de lá melhor discernisses sobre tudo o que no mundo existe. Não te fiz nem celeste, nem terreno, nem mortal nem imortal, para que de ti mesmo, quase livre e soberano artífice, te plasmasses e te esculpisses na forma que tivesses escolhido. Tu poderás degenerar em coisas inferiores que são brutais; tu poderás, de acordo com o teu desejo, regenerar-te nas coisas superiores que são divinas (PICCO DELLA MIRANDOLA, 1994: 6-9).

Era uma interpretação do papel do homem na construção do mundo que o circunda; era uma forma de inserir o homem na história através de sua ação e de seu gesto. Construir a si mesmo significava construir o mundo circundante. Esta perspectiva não estava distante daquela que elege a biografia como base de compreensão da história. A descoberta da biografia e da autobiografia pelos florentinos era, certamente, parte essencial da descoberta do homem ocorrida no Renascimento italiano. Tal descoberta representava um corte na estrutura da história eclesiástica e no modelo narrativo da crônica medieval. Era esta uma construção eminentemente italiana (florentina, em sua origem). É possível que, em sua essência e em seu caráter originário, entre os séculos XIV e XVI, não tenha existido em nenhum lugar ao norte da barreira dos Alpes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALIGHIERI, Dante. ***Vita Nuova***. Milano: Feltrinelli, 1999.

BOCCACCIO, Giovanni. ***Trattatello in laude di Dante***. Milano: Garzanti, 1995.

PETRARCA, Francesco. Lettera ai Posteriores o Autobiografia. In: PETRARCA, F. ***L'Autobiografia, il Segreto e Dell'ignoranza sua e d'altrui***. A cura di Angelo Solerti. Firenze: Sansoni, 1904.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. ***Oratio de Hominis Dignitate***. Pordenone: Dizioni Studio Tesi, 1994.

RACHELI, A. (a cura). ***Croniche di Giovanni, Matteo e Filippo Villani***. Trieste: Sezione Letterario-Artistica del Lloyd Austriaco, 1857.

SALLUSTIO CRISPO, Caio. ***La congiura di Catilina***. Roma: Newton Compton Editori, 1994.

VILLANI, Filippo. ***Vite degli uomini illustre fiorentini***. Triste, 1848.